

DESUMANIZAÇÃO, DOUTRINAMENTO E ACEITAÇÃO: O DISCURSO CIENTÍFICO NA OBRA *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO

Fernanda Aquino SYLVESTRE*

- **RESUMO:** O objetivo deste artigo é traçar algumas considerações acerca do discurso científico na obra *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. O romance do autor japonês radicado na Inglaterra aborda os valores humanos e a mortalidade, em razão da clonagem, mote da narrativa. Pela voz de Kathy, narradora da obra, conhecemos a condição dos clones, condenados pelo pernicioso avanço da ciência a doar suas vidas para salvar os seres humanos. No romance, a separação dos clones do convívio social com os homens desumaniza-os, culminando na aceitação do destino fatal de cada um deles.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura inglesa contemporânea. Kazuo Ishiguro. Clonagem. Discurso científico.

Aparentemente, *Não me abandone jamais* (ISHIGURO, 2005) é uma obra literária sobre clones. No entanto, a narrativa que aborda a exploração da clonagem para fins de doação de órgãos e tecidos não pretende discutir cientificamente as consequências éticas e morais desse avanço da ciência. O romance de Ishiguro vai além da discussão científica e perpassa a história de vida dos clones, em especial Kathy, Ruth e Tommy, mostrando suas angústias e a incapacidade de questionarem as razões de servirem aos homens, por meio da doação de seus órgãos, até sucumbirem à morte. O escritor inglês humaniza o discurso científico valendo-se de uma narrativa aterradora, cheia de lacunas que aos poucos vão sendo preenchidas pelo leitor, mantendo o mistério que envolve a vida das três personagens mencionadas.

Pode-se ler a narrativa de Ishiguro, conforme atesta Lochner (2011, p.225), como uma crítica

[...] of the potentially pernicious influence of scientific discourse and the Enlightenment tradition on notions of the human within contemporary culture [...] Exploring love, friendship and community against a suggested background of biotechnology, Ishiguro posits the novel itself as a form of culture that can recuperate 'the human' from science's purely mechanistic and materialistic definitions.

* UFU – Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Núcleo de Línguas e Literaturas Estrangeiras. Uberlândia – MG – Brasil. 38408-144. fernandasyl@uol.com.br

O que assombra o leitor de *Não me abandone jamais* é a maneira como o autor lida com a clonagem, tornando-a uma prática socialmente aceitável na Inglaterra do final do século XX. Ishiguro descreve a vida dos clones, criados em escolas diferenciadas, longe do convívio com os humanos. Kathy, Tommy e Ruth vivem e estudam em Hailsham, um centro educacional com estrutura privilegiada, e acreditam que são especiais. Na verdade, o discurso da direção da escola e dos professores mascara a realidade que terão de enfrentar, convencendo-os de que suas atitudes como doadores são louváveis. Após terminarem os estudos, os clones passam a ter uma das seguintes funções: doadores ou cuidadores. Ruth e Tommy tornam-se, imediatamente ao deixarem a escola, doadores. Ruth morre após passar por duas cirurgias de retirada de órgãos. Tommy, por sua vez, suporta quatro intervenções cirúrgicas até completar, termo usado para nomear o fim de suas vidas, quando cumprem o dever da doação, motivo de serem trazidos à vida. Kathy atua como cuidadora, ou seja, assiste os que passam por doações, atuando como uma espécie de acompanhante dos doadores.

Para os clones como Ruth, Kathy e Tommy, morrer parece natural. Desde cedo foram informados sobre a função que desempenhariam no mundo, o que até lhes concedia certo orgulho. A escola onde viviam funcionava como um meio isolador, onde as crianças e jovens estudavam e passavam seus dias sem se dar conta de que nunca veriam o resultado de seus estudos. Aqueles que não suportavam a crueldade de manter a ilusão dos clones eram afastados, como ocorreu com Miss Lucy, uma professora humana, ao querer alertar os alunos sobre a possibilidade de escaparem da doação e viverem como seres humanos normais, conforme se pode observar no seguinte diálogo entre Kathy e Tommy:

Tommy, porém, ignorou o que eu dissera. “Tem mais uma coisa”, ele continuou. “Uma coisa que ela disse e que não consegui entender direito. Eu ia lhe perguntar a respeito. Ela disse que não estão nos esclarecendo o suficiente, uma coisa assim.”

“Esclarecendo o suficiente? Quer dizer que ela acha que a gente devia estudar ainda mais do que já estuda?”

“Não, não creio que ela estivesse falando nesse sentido. O que ela estava falando tinha a ver, você sabe, conosco. Com o que vai acontecer conosco um dia. Doações e essa coisa toda.”

“Mas nós fomos esclarecidos a respeito disso tudo”, falei. “O que será que ela quis dizer? Será que ela acha que há coisas que ainda não nos contaram?” (ISHIGURO, 2005, p.41).

A questão mais inquietante do romance é, consoante Lochner (2011, p.228), “*How the clones negotiate the terms of their foreclosed futures; this gives rise to a question never explicitly addressed: why do they never try to escape?*”

Nota-se a pouca criticidade dos clones, que chegam até a desconfiar de que algo lhes esteja sendo omitido, mas são incapazes de questionar sua condição, de se revoltarem, de fugirem, mesmo sabendo que os portões da escola estavam sempre abertos. A aceitação de suas condições se deve em parte por serem doutrinados a não se rebelarem; em parte pela falta de convivência com o mundo. Também lhes faltava determinação de negar as futuras doações, porque descobriam tarde demais como era o mundo fora dos portões da escola.

É interessante observar que os clones não se sentem amedrontados com a morte. Embora se saiba que foram doutrinados para aceitá-la, o medo de morrer é algo inerente ao ser humano, “à natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte” (DELUMEAU, 1989, p.19). A aceitação completa do medo por parte dos clones causa estranhamento no leitor. Algumas sociedades orientais festejam a morte de pessoas idosas, porque acreditam que já aproveitaram seu tempo na terra. Essa concepção está ligada a crenças religiosas que preconizam o ser humano como um visitante terreno que atinge a plenitude no plano espiritual. No caso dos clones, no entanto, é evidente que poderiam viver mais se suas vidas não fossem ceifadas. Além disso, a aceitação não está relacionada a nenhuma religião, mas ao fato de terem sido convencidos de que estão prestando um serviço à humanidade.

Nota-se, então, que Ishiguro não discute diretamente questões éticas em seu romance, mas elas perpassam toda a narrativa, causando incômodo no leitor, levado a problematizar o discurso científico em favor da clonagem como benefício para o ser humano. Pode-se pensar em diversos questionamentos éticos suscitados em *Não me abandone jamais*, entre eles o fato de os clones serem ou não humanos, terem ou não sentimentos, poderem saber de quem foram clonados, terem direito à educação, poderem se opor à doação. Questões como a aceitação da clonagem como algo digno e o comportamento da sociedade perante os clones também são indiretamente levantados pelo romance.

Quanto ao fato de os clones serem humanos, a narrativa não assume uma posição clara a esse respeito, porém sugere que o clone apresenta sentimentos. Miss Emily, diretora da escola, acredita em uma vida melhor para os alunos de Hailsham, no entanto não os incentiva a mudar, a fugir de seus destinos. Ao mesmo tempo que pretende educá-los, aceita a morte dos clones, o que invalidaria a educação como formação crítica, como forma de libertação.

Miss Emily e Madame (responsável pelo projeto de Hailsham) gostariam, como Lucy, que os clones fossem reconhecidos como humanos. No final do romance, Tommy e Kathy resolvem ir à casa de Miss Emily e Madame porque ouviram boatos sobre a possibilidade de adiar as doações. Apaixonados, gostariam de viver um pouco mais, antes de **completarem**. Ficam decepcionados quando descobrem

que não há concessões para os alunos da escola especial de Hailsham. Miss Emily resolve contar a eles sobre os projetos da ciência em relação aos clones e sobre a verdadeira importância das produções artísticas dos alunos. Tommy e Kathy tinham tomado consciência, tarde demais, da possibilidade de se recusarem a fazer doações e viverem como humanos. Esperava-se que se revoltassem com a notícia dada, todavia ambos se conformaram com a revelação, embora decepcionados, como previa Emily, responsável por acabar com a esperança dos dois, fato que, segundo ela, lhe causou remorso. Miss Emily conta a Tommy e Kathy as tentativas de, junto com Madame (Marie-Claude), tornar a vida dos alunos de Hailsham mais humanizada:

Quando a Marie-Claude e eu começamos, não havia estabelecimentos como Hailsham. Nós fomos um dos primeiros, junto com Glenmorgan House. Depois de alguns anos surgiu a fundação Saunders. Juntos nos tornamos um movimento pequeno, mas com voz ativa, que se opôs ao programa de doação na forma como estava sendo gerido. Mais importante ainda, demonstramos para o mundo que, quando criados em um ambiente humano e culto, os alunos podiam se tornar tão sensíveis e inteligentes quanto qualquer ser humano normal. Antes disso, todos os clones – ou alunos, como nós preferíamos chamá-los – existiam apenas para abastecer a ciência médica. Nos primeiros tempos, logo depois da guerra, isso era tudo que vocês representavam para a grande maioria. Objetos obscuros em tubos de ensaio (ISHIGURO, 2005, p. 312).

Madame tentou provar aos cientistas que eles eram dotados de sentimentos e, por isso, mereciam viver e não pagar com suas vidas a salvação de outras. Por isso, Hailsham desenvolvia um projeto com artes. Mensalmente Madame aparecia na escola para coletar os melhores trabalhos artísticos que fariam parte de sua galeria de arte. Na verdade, Madame desejava provar aos cientistas que se os clones eram capazes de revelar seu interior por meio da arte, isso significava que tinham sentimentos e, por esse motivo, tinham direito de optar pela não doação.

Embora Madame e Miss Emily desejassem um destino digno para os clones, apenas Lucy teve coragem de alertar os jovens sobre o futuro ao afirmar que não tinham entendido de fato o que ocorreria a eles em breve e que era preocupante o fato de se darem por satisfeitos com o pouco que lhes foi revelado. Durante uma de suas aulas, Lucy enfaticamente desabafa, antes de abandonar Hailsham:

Se vocês querem ter uma vida decente, então é preciso que saibam, e que saibam direitinho. Nenhum de vocês irá para os Estados Unidos, nenhum de vocês será ator de cinema. E nenhum de vocês irá trabalhar em supermercados, como ouvi alguns planejando outro dia. Suas vidas já foram mapeadas. Vocês se tornarão adultos e, antes de ficarem velhos, antes mesmo de entrarem na meia-idade, começarão a doar órgãos vitais. Foi para isso que todos vocês

foram criados. Vocês não são como atores que veem nos vídeos, não são nem mesmo como eu. Vocês foram trazidos a este mundo com um fim, e o futuro de vocês, de todos vocês, já está decidido [...] Se querem uma vida descente, é precisam que saibam quem são e o que os espera no futuro (ISHIGURO, 2005, p.102-3).

Lucy, embora rude, acreditou que poderia despertar a curiosidade dos alunos de Hailsham para uma vida mais digna, revelando que as doações não seriam fáceis e que as dificuldades pelas quais passariam lhes eram omitidas. Além disso, a professora mostra que não há qualquer esperança para os clones, se continuarem aceitando o discurso da ciência. Para eles não havia um futuro a escolher, nunca poderiam optar por uma profissão, casar, formar uma família. Eram uma produção genética, a cura para males como o câncer.

As palavras de Lucy mostram quão cruel a ciência pode ser, suscitando nos leitores o questionamento acerca da **humanidade** dos clones que possuem sentimentos e órgãos vitais como qualquer ser humano e são sacrificados friamente como se fossem apenas órgãos e tecidos produzidos em laboratório.

Emily tentara dar mais qualidade de vida aos clones, tratando-os como humanos, porém seu discurso permanece no campo dos desejos, já que não leva adiante a defesa deles. Como ela mesma relata,

Depois da guerra, no início dos anos 50, quando a ciência avançava muito rapidamente e as descobertas sucediam em ritmo vertiginoso, não sobrava muito tempo para fazer uma avaliação, para fazer as perguntas sensatas. De repente estavam lá [...] todas aquelas novas formas de cura para tantas doenças até então incuráveis. [...] durante muito tempo as pessoas preferiram acreditar que esses órgãos surgiram do nada. [...] Sim, havia debates. Mas até o cidadão comum se preocupar com... com os alunos, até chegar a considerar a forma como vocês eram criados, e se vocês deveriam realmente ser trazidos à luz, bem, até lá já era tarde demais. Não havia como reverter o processo (ISHIGURO, 2005, p.314).

Como se pode perceber, a ciência exerce papel predominante na Inglaterra dos anos 1950 descrita por Ishiguro. Como deixar de curar doenças como o câncer, as cardíacas e degenerativas? Os clones eram a grande descoberta científica. Todavia, a criação de uma vida justificava também o seu fim para salvar outra vida. Será que se pode considerar a vida de um clone menos importante do que a de um humano normal? Esse é um questionamento que permanece com o término do romance. Os limites da ciência parecem não casar com os da ética. Por isso, Harrison (2005), em artigo publicado no jornal *Guardian*, afirma que o romance de Ishiguro não trata apenas da clonagem, mas essencialmente do motivo pelo qual não se levanta um dia e se sai gritando pelas ruas, enfurecido, com a sensação de que as vidas das pessoas não são o que poderiam ter sido.

Na sociedade representada no romance de Ishiguro, a forma mecanicista de ver o mundo triunfa, já que o desconforto das pessoas em relação à existência dos clones é suplantado pelo medo de perder um ente querido. A própria Miss Emily relata que a população tentava não pensar nos clones e, quando pensava, considerava-os sub-humanos, mesmo sabendo que eram cópias genéticas idênticas aos humanos que os originaram. Segundo Lochner (2011, p.230-231), “*the clone’s otherness is situated purely in their scientific origin; they are beings that are created through artificial means and are therefore not considered human, but artefacts*”.

Ishiguro critica o discurso científico que tende a banalizar e racionalizar os valores humanos, desrespeitando a ética. O autor parece chamar a atenção de seu leitor para a necessidade de “salvar” o homem da ciência puramente mecanicista e materialista. *Não me abandone jamais* é uma obra irônica e paradoxal. Ao desumanizar os clones, Ishiguro, na verdade, deseja recuperar a humanidade dos que são considerados produtos da engenharia genética. O escritor vê a necessidade daqueles que são dominados pela ciência e seu discurso em favor da necessidade de sacrifícios pelo bem da humanidade vencerem a falta de autonomia e liberdade.

O discurso de Emily, embora acreditasse estar ajudando os alunos de Hailsahm, mostra que ela compartilhava as atitudes cruéis da sociedade em relação aos clones. Sua visão de bondade afastava-se muito do que se pode considerar humano. Ao contar a Tommy e Kathy o motivo pelo qual Hailsham fechou as portas, Emily assume uma postura ingênua e irônica, mesmo conhecendo todo o projeto de doação de órgãos e suas atrocidades. Emily revela que o escândalo Morningdale foi responsável pelo fim de Hailsham. O cientista de mesmo nome planejou oferecer às pessoas a possibilidade de gerar filhos com características apuradas, como inteligência superior e grande desempenho atlético. Ao descobrirem suas intenções, o trabalho do cientista foi interrompido, mas o medo das consequências da pesquisa de Morningdale permaneceu, atormentando a comunidade científica. Como afirmou Emily a Tommy e Kathy:

Uma coisa é criar alunos como vocês para o programa de doação. Mas uma geração de crianças criadas para tomar nosso lugar na sociedade? Crianças comprovadamente superiores a todos? Ah, não. Isso assustou as pessoas. Essa possibilidade foi rejeitada (ISHIGURO, 2005, p.316).

Emily acredita que ela foi de grande valia para o **desenvolvimento** de alunos como Tommy e Kathy e, ao ser questionada por esta sobre o paradeiro de Lucy, a professora que lhes revelara o futuro não promissor, Emily responde cinicamente:

Lucy Wainright? Ela foi importante para vocês? Perdoem-me, meus caros alunos, quase ia me esquecendo de novo. Ela não ficou conosco muito tempo, de modo que para nós foi apenas uma figura periférica dentro da memória de Hailsham. E não deixou recordações muito felizes. Mas entendo, vocês

estavam lá justamente durante aquele período... Riu consigo mesma e deu a impressão de estar se lembrando de algo (ISHIGURO, 2005, p.319).

Na verdade, Lucy provavelmente havia sido obrigada a deixar a escola para não incitar revolta ou suscitar questionamentos nos clones sobre suas condições de vida. Emily com certeza lembrava-se de Lucy como alguém que atrapalhara o bom andamento da escola, garantido por ela e Madame.

Madame ouve a conversa sobre Lucy e completa as considerações de Emily, concluindo que Lucy era uma boa moça, todavia preocupava-se em demasia com a necessidade de os alunos ficarem mais cientes do que teriam pela frente, de quem eram e para que serviriam. Emily e Madame acreditavam que Lucy estava enganada:

Lucy Wainright era uma idealista, não que haja qualquer coisa de errado em sê-lo. Mas não tinha um bom domínio das coisas práticas. Vejam só, nós fomos capazes de lhes dar certas coisas, coisas que ninguém poderá tirar, nem mesmo agora, e fomos capazes de dá-las sobretudo protegendo vocês. Hailsham não teria sido Hailsham se não tivéssemos feito isso. Muito bem, isso significou às vezes ter de esconder algumas verdades, ter de mentir. Sim, sob vários aspectos nós enganamos vocês. Imagino que vocês até possam dizer que foi isso. Mas nós os protegemos durante aqueles anos todos. E nós lhe demos uma infância. [...] Vocês não seriam quem são se não tivessem sido protegidos por nós. [...] Teriam dito que era tudo inútil e nós não encontraríamos argumentos para rebater (ISHIGURO, 2005, p.320).

Fica nítido, por meio das palavras de Madame, que ela e Emily ainda tentavam viver a ilusão de que realmente haviam sido úteis na vida dos alunos de Hailsham. Elas acreditavam que esconder o futuro dos clones era a melhor forma de garantir-lhes a felicidade pelo menos na infância. Essa possibilidade deveria até ser considerada, caso não houvesse um modo de tomarem consciência de que poderiam viver como seres humanos e se negarem à doação, já que não haviam pedido para nascer clones e não passavam de um brinquedo na mão dos cientistas e de pessoas como Emily e Madame, envolvidas no processo de doação de órgãos. Até que ponto se pode determinar a vida de alguém? Até que ponto a ciência pode escolher quem vive e quem morre? Além disso, o que importa investir na infância se já se sabe que o destino dos clones é morrer por volta dos trinta anos, quando começam as doações de órgãos? Esses e outros questionamentos fazem crer que Emily e Madame mostravam-se desapontadas com o que fizeram no passado, porém esse passado sempre as atormentará e, por isso, elas sempre buscarão desculpas na crença de que puderam contribuir com a educação de alunos como Ruth, Tommy e Kathy.

Lochner (2011, p.231) compara os clones de *Não me abandone jamais* com o monstro criado por Victor Frankenstein. Para o crítico, ambos estão confinados

a uma existência sombria e sem saída. A diferença entre ambos reside apenas no fato de o monstro se rebelar contra seu destino e buscar vingança e de os clones assumirem uma postura resignada, mesmo depois de saberem o que os espera no futuro. É interessante observar que o programa de doação parece não forçar os clones a serem doadores ou cuidadores ao longo de suas vidas. Eles apenas recebem uma carta do programa, quando estão prestes a tornar-se um deles.

O crítico ainda observa que

The clone's passivity can be explained only partially by their reification in a social system where they are literally sacrificed in the service of a medical science from which others will benefit. One of the arguments most often used against human cloning is that it will be detrimental to human dignity as an engine of individual empowerment, reinforcing individual autonomy and the right to self-determination (LOCHNER, 2011, p.231).

Sawyer (2011, p.238) considera a obra *Não me abandone jamais* como pertencente ao gênero *outsider science fiction*, definido por ele como aquele que descreve “*those novels that draw upon some of the themes, settings and imagery associated with the genre in order to explore issues more commonly associated with mainstream or literary fiction*”.

A obra de Ishiguro apresenta motes e ideais inerentes à ficção científica para produzir um efeito de estranhamento no leitor, uma das principais características do gênero. Conforme define Sodré (1978), “o romance de ficção científica (FC) é um tipo de narrativa que desenvolve uma suposição ou uma conjectura, comandadas pela razão tecnocientífica”. Em *Não me abandone jamais*, a presença da tecnociência é representada pela clonagem, porém, Sawyer (2011) não considera a obra como ficção científica, mas como *outsider science fiction* pelo fato de se tratar de um romance de um autor que não adere ao gênero, entretanto vale-se de motes e temas dessa literatura para transmitir suas ideias. É importante observar que a ficção científica se volta para fatos ligados ao futuro, enquanto a narrativa de Ishiguro aborda o passado recente.

Sawyer (2011) lembra que os clones não são tratados como humanos no romance em estudo e compara-os aos replicantes do romance *Do androids dream of electric sheep?*, de Philip K. Dick, adaptado para o cinema sob o título *Blade Runner*. Aos olhos de Sawyer (2011), Dick apresenta os replicantes (androides) de maneira mais humanizada do que Ishiguro:

By foregrounding empathy or kindness as the heart of the human, Dick offers a way out for distrust of otherness. This empathy, to Dick, is what separates humanity from the unfeeling androids. But for Dick, the human has little to do with physical form. The androids that Rick Deckard hunts down and retires

are physically indistinguishable from humans. He is more concerned with the capacity to see the other as part of a universal community. As Dick himself puts it: "A human been without the proper empathy or feeling is the same as an android built so as to lack it, either by design or mistake".

Sawyer (2011, p. 245) afirma que *Não me abandone jamais* funciona como *outsider science fiction* porque transforma seu mundo interno em uma metáfora do real. O mundo em que os personagens vivem é tão importante quanto eles. Além disso, o romance trata de mudanças, como a maioria das obras de ficção científica, embora não faça mais do que suspeitar delas.

O romance de Ishiguro pode ser considerado distópico já que ao abordar a clonagem, mesmo de maneira indireta, como mote da narrativa, mostra uma utopia negativa ao revelar a falta de perspectiva futura para os clones como Kathy e seus amigos. Além disso, o romance mostra a força do autoritarismo e a tecnologia como instrumento de controle. O romance aborda um falso otimismo com efeitos devastadores, conforme se pôde notar nas palavras de Madame, quando afirma que propiciou uma infância feliz aos alunos de Hailsham.

O escritor inglês, ao dar voz aos clones, mostrando a relação de amizade e companheirismo entre Tommy, Ruth e Kathy, busca entender o mundo e as pessoas e a habilidade de se prover consolo e senso de comunidade em um mundo absurdo que aceita as atrocidades promovidas pela ciência. A amizade e o companheirismo ficam bem evidentes em dois episódios relacionados a uma fita cassete de Kathy onde estava gravada sua música preferida *Não me abandone jamais*, da cantora Judy Bridgewater. Em um deles, Ruth compra uma fita de uma cantora qualquer para substituir a fita de Bridgewater perdida por Kathy. O gesto de Ruth mostra que, embora tenha suas diferenças com Kathy (como a disputa pelo amor de Tommy), ela se preocupa com a amiga. Kathy, por sua vez, fica agradecida com o gesto solidário, mas não se sente satisfeita com a substituição. O que atormentava Kathy era o valor afetivo da fita, que só é repostado quando Tommy encontra em uma loja de coisas antigas a canção de Bridgewater, que por muito tempo tentara comprar.

O apego de Kathy pela canção não residia apenas no gosto pela música, mas também no fato de Madame tê-la visto dançando em seu aposento ao som de *Não me abandone jamais*. Ao dançar, Kathy abraçava um travesseiro, acreditando que a música falava sobre uma mulher que não podia ter filhos, como ela. Madame se comove ao vê-la e Kathy resolve contar o episódio a Tommy. Ele conclui que a emoção de Madame estava relacionada ao fato de ela saber que clones não podem ter bebês. Mais tarde, Kathy tem a chance de perguntar a Madame o motivo de seu choro e se surpreende ao ouvir suas palavras:

Eu chorava por um motivo totalmente diferente. Quando a vi dançando aquele dia, enxerguei uma outra coisa. Enxerguei um novo mundo chegando muito rápido. Mais científico, mais eficiente, é verdade. Mais curas para as velhas doenças. Muito bem. Mas um mundo duro, um mundo cruel. E vi uma menina novinha, de olhos bem fechados, segurando no colo o mundo antigo e bom de antes, o mundo que ela sabia lá no fundo, que não poderia continuar existindo, e ela segurando esse mundo no colo e pedindo para ele não deixá-la partir. Foi isso que eu vi. Não era propriamente você, nem o que estava fazendo, o que eu enxerguei. Mas aquela cena me partiu o coração. Nunca mais esqueci (ISHIGURO, 2005, p.325-6).

Não me abandone jamais evoca uma mistura de medo e pena diante dos impasses terríveis mostrados no livro e promove o desejo de se reagir à injustiça em relação aos que não têm escolha. Ishiguro apresenta uma história alternativa de uma Inglaterra que poderia ter existido no final do século XX se os avanços científicos do país se voltassem mais para a biotecnologia, como acredita Adams (2005).

A obsessão pela ciência e seus avanços teve início com o Iluminismo europeu, iniciado no meio do século XVIII, que preconizava um ser humano estável, coerente, consciente, racional, autônomo e universal que conhecia a si mesmo e ao mundo, através da racionalidade colocada como a mais alta e única forma de desenvolvimento mental. O verdadeiro conhecimento era o científico que levava ao progresso, à perfeição. Todas as práticas humanas poderiam ser analisadas e melhoradas por meio dele.

Harvey (2001, p.23) afirma que

A ideia do iluminismo era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. O domínio científico da natureza prometia liberdade da escassez da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana. Somente por meio de tal projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda humanidade ser reveladas.

Se, inicialmente, as ideias do Iluminismo eram otimistas porque se acreditava não somente no controle das forças naturais, como também na compreensão do mundo e do eu, no progresso moral, na justiça das instituições e até mesmo na felicidade do ser humano, no século XX, os ideais iluministas parecem ruir.

Bernstein (1985, p.5 apud HARVEY, 2001, p.25) chama a atenção, também, para o enfraquecimento dos ideais iluministas, ao retomar Max Weber, alegando que os pensadores iluministas defendiam ideais ironicamente ilusórios porque

vinculavam a liberdade humana ao desenvolvimento da razão e da ciência. Segundo Bernstein, “o desenvolvimento de ambas não leva à realização concreta da liberdade universal, mas à criação de uma jaula de ferro da racionalidade burocrática da qual não há como escapar” (apud HARVEY, 2001).

A presença dos campos de concentração, as consequências de duas guerras mundiais, a ameaça nuclear, a experiência de Hiroshima e Nagasaki fizeram que os ideais otimistas do Iluminismo enfraquecessem e ele foi condenado a voltar-se contra si mesmo. A suposta liberdade humana prometida pelos ideais iluministas transformou-se em um sistema de opressão universal em nome da idealidade da independência do homem, como mostra Ishiguro (2005) ao apresentar a vida dos clones em *Não me abandone jamais*.

Carroll (1993) afirma que o Iluminismo apresenta ideias restritas e ingênuas no que tange à motivação humana, à política e à sociedade, e deifica a razão a ponto de obscurecê-la, permitindo atrocidades como a clonagem. O século XX, de modo geral, assistiu ao impacto do desenvolvimento ilimitado da ciência no ser humano. A tecnologia passou a desumanizar o homem, substituindo-o, conforme mostra Ishiguro. Obviamente, o autor apresenta uma situação hipotética levada ao extremo, já que parece haver uma aceitação da clonagem por parte tanto dos clones, quanto dos humanos e é essa situação justamente que choca o leitor. Nesse sentido, pode-se até considerar que a narrativa apresenta um cunho fantástico por seu exagero, como ocorre nos contos de Rubem Fonseca, por exemplo, em que a brutalidade exacerbada torna o texto absurdo.

Segundo Lochner (2011, p.227-8). Ishiguro não

[...] demonize scientific creation; rather, the text critical focus emphasizes the naturalization of instrumentalist ways of seeing the world, its impact on social relations and on the very conceptions of what it means to be human. More critically, Ishiguro emphasizes the role of scientific discourse in the processes by which a culture, on the other hand, creates and sustains belief in itself, and, on the other, interpolates individuals as subjects in the domination ideology. Ishiguro maintains an unresolved tension between the clones' preternaturally calm resignation to their physical fate and their current desire to live.

Os ideais restritivos e mecanicistas que reduzem o homem a tecidos e órgãos são contrastados com valores humanos como o amor e amizade em *Não me abandone jamais*. De acordo com Groes e Lewis (2011, p.10), o sucesso de Ishiguro se deve ao seu comprometimento em entender o mundo e as pessoas, mas também a sua habilidade de “*provide consolation and a sense of community often seemingly lost in the contemporary, globalized world*”.

Dessa forma, pode-se considerar o romance de Ishiguro uma obra sobre oportunidades perdidas, memórias e mortalidade, que desloca o discurso científico de

seu ambiente abstrato para ressignificá-lo cultural e socialmente. Pela voz de Kathy, narradora da obra, conhecemos a condição dos clones, condenados pelo discurso pseudopositivo da ciência a terminarem seus dias resignadamente e de maneira desumanizada, já que são tratados como tecidos, partes de um corpo produzido em laboratório, que serão usados, paradoxalmente, para salvar vidas, mesmo que as deles sejam dissipadas.

SYLVESTRE, F. A. Dehumanization, indoctrination and acceptance: the scientific discourse in *Never let me go* by Kazuo Ishiguro. **Itinerários**, Araraquara, n.37, p.83-95, Jul./Dez., 2013.

■ **ABSTRACT:** *The aim of this article is to outline some considerations about the scientific discourse in Kazuo Ishiguro's masterpiece Never let me go. The novel, written by the Japanese author, settled in England, discusses some human values and the mortality through cloning, the narrative motif. Through the voice of Kathy, the narrator of the book, we know the condition of the clones, condemned by the pernicious advancement of science to give their lives to save humans. In the novel, the separation of the clones from society dehumanizes them, culminating in the acceptance of their fatal destiny.*

■ **KEYWORDS:** *Contemporary English Literature. Kazuo Ishiguro. Cloning. Scientific discourse.*

Referências

ADAMS, T. For me England is a mythical place. **Observer**, London, 20 fevereiro 2005. Disponível em: <<http://observer.guardian.co.uk/review/story/0,6903,1418284,00.html>>. Acesso em: 5 nov. 2012.

CARROL, J. **Humanism: the wreck of western culture**. London: Fontana Press, 1993.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GROES, S.; LEWIS, B. (Org.). **Kazuo Ishiguro new critical versions of the novels**. London: Palgrave Macmillan, 2011.

HARRISON, J. M. Clone alone. **Guardian**, London, 26 fev. 2005, p.26.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ISHIGURO, K. **Não me abandone jamais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LOCHNER, L. This is what we're supposed to be doing, isn't it?: scientific discourse in Kazuo Ishiguro's *Never let me go*. In: GROES, S.; LEWIS, B. (Org.) ***Kazuo Ishiguro new critical versions of the novels***. London: Palgrave Macmillan, 2011. p.225-35.

SAWYER, A. Kazuo Ishiguro's *Never let me go* and outsider science fiction. In: GROES, S.; LEWIS, B. (Org.) ***Kazuo Ishiguro new critical versions of the novels***. London: Palgrave Macmillan, 2011. p.236-46.

SODRÉ, M. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

Recebido em 21/11/2012.

Aceito para publicação em 19/08/2013



